

Antonio Luiz Corobim

UMA ANÁLISE DOS USOS E COSTUMES ADOTADOS PELA CONVENÇÃO  
GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL – CGADB

São Paulo

2008

Antonio Luiz Corobim

UMA ANÁLISE DOS USOS E COSTUMES ADOTADOS PELA CONVENÇÃO  
GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL – CGADB

Trabalho de Conclusão de  
Curso apresentado como requisito  
final no curso de Bacharel em  
Teologia da Faculdade Teológica  
Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Ms. Itamir  
Neves de Souza

São Paulo

2008

Antonio Luiz Corobim

UMA ANÁLISE DOS USOS E COSTUMES ADOTADOS PELA CONVENÇÃO  
GERAL DAS ASSEMBLÉIAS DE DEUS NO BRASIL – CGADB

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ms. Itamir Neves de Souza – Orientador

---

Prof. Ms. Marcelo dos Santos Oliveira

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. Madalena de Oliveira Molochenco

São Paulo

2008

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida

Ao Senhor Jesus pela vida eterna

À Kátia, minha querida esposa e colega de turma

Ao meu amado filho Vinícius, milagre de Deus

Aos meus pastores que viram em mim vocação pastoral

Ao Prof. Itamir Neves de Souza, mentor e amigo

À querida Assembléia de Deus, onde conheci o Senhor

## RESUMO

A presente pesquisa aborda e faz uma análise individual dos conhecidos usos e costumes das Assembléias de Deus no Brasil, contidos em página da Convenção Geral das Assembléias de Deus – CGADB.

Esses costumes, ao longo dos anos, foram impingidos aos fiéis da denominação — em especial às mulheres —, como sendo a mais pura verdade bíblica, durante os quase cem anos da denominação no Brasil.

Vários são os fatores que contribuíram para a existência e manutenção desses costumes até os dias de hoje. Porém, vivemos em época de constantes mudanças. Até a própria natureza tem sido objeto de freqüentes alterações. A proposta deste trabalho é demonstrar a necessidade de mudanças e flexibilização.

O escopo da presente pesquisa é trazer luz, trazer uma nova contribuição ao atual panorama, buscar reabrir o diálogo acerca desse polêmico tema que divide os irmãos em Cristo.

Palavras-chave: Usos e costumes. CGADB. Assembléias de Deus. Doutrinas. Flexibilização.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>1. USOS E COSTUMES</b> .....	9
1.1 Conceituação .....	9
1.2 O que são costumes religiosos? .....	10
1.3 Legitimação.....	12
1.4 Costumes nos tempos bíblicos .....	14
<b>2. ANÁLISE INDIVIDUAL DE CADA COSTUME APRESENTADO PELA CGADB E SEUS FUNDAMENTOS</b> .....	15
2.1 Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes .....	16
2.2 As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10) .....	20
2.3 Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos (Lv 19.28; 2 Rs 9.30) .....	25
2.4 Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica - (1 Co 11.6, 15) .....	27
2.5 Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8) .....	31
2.6 Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv. 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18) .....	34
<b>3. ANÁLISE DOS FATORES RESPONSÁVEIS PELA MANUTENÇÃO DOS COSTUMES ATÉ OS DIAS DE HOJE</b> .....	38
3.1 O machismo dos novos líderes brasileiros do norte/nordeste .....	38
3.2 O sistema de governo eclesial adotado .....	40
3.3 O poder da legitimação .....	42
<b>CONCLUSÃO</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	47

## INTRODUÇÃO

A questão da formação dos costumes em uma sociedade se dá de maneira interessante, em especial no meio evangélico. O ser humano tem necessidade de viver em grupo. Em razão da formação dos agrupamentos sociais, tem início o aparecimento de determinadas estruturas que se inseriram e se fundamentaram em virtude dessa necessidade.

Os costumes, muitas vezes, exercem sobre nós influência que não percebemos claramente. Moldam os modos de um povo de ver, de fazer e de agir, de maneira que, quando se erra, não é fácil perceber, e tampouco tornar atrás. O erro pode ser posto em prática pelo costume.

No meio evangélico, quase todo o conhecimento teológico no Brasil é importado dos Estados Unidos ou da Europa, de onde inicialmente recebemos o ensinamento acerca do evangelho ministrado pelos missionários que aqui chegaram no início do séc. XVII. Esse fato desencadeia uma sutil invasão de cultura. Exemplificando, as mulheres dos missionários oriundos de países de climas mais frios que o nosso, usavam vestimentas conforme sua cultura, geralmente longas, algumas bem coloridas ou extravagantes, apropriadas para a região de onde procederam. Todavia, ao iniciarem aqui seu labor, mantiveram suas vestimentas, seus costumes. O que essa nova liderança acarretou? Acarretou que nossas mulheres, de país com clima tropical, recebessem e fossem influenciadas pelo costume estrangeiro no uso de roupas, cabelos, cosmética entre outros, tudo amplamente legitimado pelos pastores, pela comunidade local e ainda hoje, após um século, pelo órgão máximo da denominação, a CGADB.

O assunto embora aparentemente não tenha maiores conseqüências ou interesse de estudo é deveras importante porque tem criado divisões no corpo de Cristo. A grande massa de irmãos de denominações que adotam determinados costumes — por imposição delas — os recebem como verdade bíblica e, por isso, chegam até a menosprezar ou fustigar seus irmãos de outras denominações que não os adotam. Dão muito valor à vestimenta feminina tais como saias longas ou pouco abaixo dos joelhos, ao cabelo comprido, à proibição do uso de barba nos

homens, ao uso bermudas, à participar da prática de esportes entre tantos incontáveis outros. Há porém um risco, um perigo de as mulheres se julgarem superiores, mais santas, em relação às demais irmãs que usam calças compridas, brincos, que usam batons, esmaltes, cabelos curtos...

Essa prática gera desconfortos e divisões entre igrejas cristãs protestantes. Não é recomendável convidar para uma festividade assembleiana uma denominação que adote costumes diferentes, pois esses visitantes poderiam influenciar negativamente os crentes da igreja patrocinadora do evento “por seu liberalismo”.

O que se alerta, o que se enfatiza nesta pesquisa é a possibilidade de se evitar distorções produzidas pelos costumes no corpo de Cristo. A graça acaba sendo de certo modo diminuída ou colocada em segundo plano em razão do mérito alcançado pelo fiel por ter assimilado o conceito de que tais “Sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil”<sup>1</sup> produzem santidade.

Martino (2005)<sup>2</sup>, Doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, em seu artigo leciona que:

As instituições sociais são estruturas hierarquizadas, dentro das quais circula uma quantidade inacreditável de capital simbólico utilizado de inúmeras maneiras e objetivado nas inúmeras relações de poder e obediência, mais ou menos explícitos, que regem sempre o cotidiano institucional. Há, portanto, disputas e rivalidades que se cristalizam em facções, grupos ou tendências divergentes dentro de uma mesma instituição. Ao ganhar o aval universitário para estudar sua própria religião, o fiel atuante em uma determinada área ganha uma voz autorizada para sugerir, discutir e criticar a postura da instituição, mantendo-se vinculado a ela e participando de seus ritos de instituição a partir de uma postura mais elevada. (MARTINO, Setembro-Dezembro 2005, Revista Nures – PUC-SP, Ed. 1, nº 1).

O propósito do presente trabalho é trazer uma contribuição ao atual panorama, buscar reabrir o diálogo, realizar uma análise dos usos e costumes adotados pela Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB em tempos pós-modernos à luz de teólogos contemporâneos e analisar os fatores responsáveis pela manutenção desses costumes até os dias de hoje.

---

<sup>1</sup> Disponível em: [http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com\\_content&task=view&id=39&Itemid=36](http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=36)  
> Acesso em 16/05/2008.

<sup>2</sup> MARTINO, Luís Mauro Sá. Artigo: *Religião e senso comum: um diálogo com Gramsci*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nures/revista1/luis.pdf> > Acesso em 07/10/2008.

## 1. COSTUMES

O que são costumes? O que são costumes religiosos? Para que servem? Devemos cultivá-los? Essas e outras questões serão tratadas a seguir.

### 1.1. Conceituação

Lakatos & Marconi (1999) ensinam:

Tipos: Folkways, Mores e Leis

A maneira de viver de um grupo social implica normas de comportamento, muitas delas estabelecidas há tempos atrás. As normas de comportamento social foram classificadas por Sumner em duas categorias diferentes: os *folkways* (usos) e os *mores* (costumes). Esta divisão dos padrões de comportamento se estende, portanto, desde os de menor importância até os obrigatórios e universais. Entre os usos mais frouxos e os costumes mais rigorosos forma-se um contínuo que, tendo-se em vista as variedades dentro de cada categoria, dificulta a delimitação das fronteiras entre um e outro. Essa passagem, fluida e imprecisa, torna difícil classificar alguns padrões situados nesse contínuo, por parecer pertencerem às duas categorias. Nesse caso temos as regras sobre o recato no trajar, o consumo de bebidas alcoólicas etc.

*Folkways*. Padrões não obrigatórios de comportamento social exterior constituem os modos coletivos de conduta, convencionais ou espontâneos, reconhecidos e aceitos pela sociedade. Praticamente, regem a maior parte da nossa vida cotidiana, sem serem deliberadamente impostos. Indicam o que é adequado ou socialmente correto. Não tem caráter obrigatório.

Exemplos de *folkways*: convenções, formas de etiqueta, celebração da puberdade, estilos de construções, rituais de observância religiosa, rotinas de trabalho e lazer, convenções da arte ou da guerra, maneiras de cortejar, de vestir etc.

*Mores*. “São as normas moralmente sancionadas em vigor”, segundo Ely Chinoy (1971:60). Constituem comportamento imperativo, tido como desejável pelo grupo, apesar de restringir e limitar a conduta. São essenciais e importantes ao bem-estar da sociedade e aparecem como normas reguladoras de toda a cultura. Apesar da obrigatoriedade e imposição, são considerados justos pelo grupo que os compartilha.

Os *mores* tem caráter ativo e seu controle pode ser consciente ou inconsciente; são sancionados pela tradição e sustentados pelas pressões da opinião de grupos: ridículo, mexerico, castigos, não-aceitação. Como forma de controle natural, penetram nas relações sociais. Suas normas de conduta regulam o comportamento social, restringindo, moldando e reprimindo certas tendências dos indivíduos. Têm maior conteúdo emocional do que os usos.

A não-conformidade com os *mores* provoca desaprovação moral. A reação do grupo é violenta e séria, como no adultério, roubo, assassinio e incesto, na sociedade ocidental. Entretanto, há amplas variações nas atitudes dos grupos em relação a essas regras, de acordo com as diferentes culturas.” (LAKATOS & MARCONI, 1999, p. 140-141).

Em suma, costumes são as maneiras normais e habituais de um grupo fazer as coisas. São traços ou padrões culturais que distinguem as comunidades, sendo transmitidos de geração para geração (entre os membros dessa comunidade).

## 1.2 O que são costumes religiosos?

São regras de conduta (*folkways e mores*) mantidos por determinada instituição religiosa.

Para Mariano (2005, p. 187) usos e costumes “é a expressão utilizada pelos pentecostais para se referir ao rigorismo legalista, às restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso”.

Algumas questões que exigem respostas:

- Tais costumes, como o exterior sóbrio da mulher com cabelos compridos, saias enormes, sem maquilagem, sem jóias, sem adereços ou os homens com seus ternos, gravatas, sapatos engraxados, cabelos curtos, sem uso de barba entre outros, transmitem a quem os vê algum sinal de santidade?

O exterior do ser humano em nada adora a Deus. O ser interior sim, com pureza de coração o adora. Ideal para todos seria o aprendizado do Salmo 32.9 *Não sejas como o cavalo, nem como a mula, que não têm entendimento, cuja boca precisa de cabresto e freio; de outra forma não se sujeitarão.*

- O que é ser santo?

Segundo o Dicionário Vine (2002, p. 970), santo (*hagiasmos*) significa: a) separação para Deus (1Co 1.30; 2Ts 2.13; 1Pe 1.2); b) o estado resultante, a conduta que convém àqueles que são separados (1Ts 4.3, 4, 7; e os quatro primeiros textos citados acima). Ensina ainda que a “santificação é, pois, o estado predeterminado por Deus para os crentes, no qual Ele pela graça os chama, e no qual eles começam o curso cristão e assim o buscam”.

- Tais costumes possuem eficácia?

Nenhuma e, infelizmente, estimulam a hipocrisia. Exteriormente há dois tipos de crentes: os que se fantasiam de crentes para poder ir a Igreja, atendendo aos ditames da convenção e vivem assim nos outros dias da semana; além desses, há os que também se fantasiam apenas para irem a igreja mas ao saírem dela, imediatamente tiram a fantasia e vivem como se não houvesse conduta alguma a ser obedecida. O que é mais eficaz na vida do cristão: o ensino do texto bíblico e o cumprimento do mesmo pelo fiel ou a imposição institucional dos costumes religiosos? Indubitavelmente, somente a Palavra tem poder para transformar. As regras sociais ou normas institucionais, por melhor propósito que tenham, não têm o condão de transformar o ser humano. Infalivelmente, só a Palavra o conduz ao senhorio de Cristo.

Mariano (2005) tratando acerca da disfuncionalidade da austeridade pentecostal comenta que

Segundo os próprios crentes, a radicalidade das regras e exigências de conduta gera hipocrisia no relacionamento entre os fiéis. Como recurso de autodefesa, muitos deles “se fazem de santo” apenas dentro da igreja ou na companhia de seus irmãos de fé, enquanto noutros contextos e diante de interlocutores presuntivamente hostis ao estilo pentecostal tradicional de ser, omitem ou não assumem sua identidade de crentes, ou, ao contrário, adotam até mesmo comportamento diametralmente opostos ao que seria deles esperado. (MARIANO, 2005, p. 198-199)

- Por que manter costumes religiosos em tempos pós-modernos?

Mariano (2005) comenta que mesmo após 90 anos de existência a Assembléia de Deus ainda “carrega essa bagagem sectária” que favorece e mantém os costumes.

Agora tradicional, esse traço identitário, caracterizado por tabus e extenso código de proibições legalistas, resultado das crenças, da origem social dos pioneiros e das marcas distintivas derivadas da condição inicial de seita implantada em meio hostil, mantém considerável contraste com os modos e estilos de vida da sociedade abrangente. (MARIANO, 2005, p. 205).

Não há justificativa plausível para isso, pois costumes são hábitos temporais, atrelados ao “*Zeitgeist*” que significa espírito de época. Utilizando-se do depoimento de um psiquiatra evangélico, ele cita ainda o fato de que essa radicalidade manifestada através de imposições aos fiéis “podem resultar em neuroses e patologias diversas”.

Essa postura de manter costumes é um impedimento ao crescimento<sup>3</sup> da Igreja, um motivo de fuga de jovens para outras denominações (porque se decepcionam com o modelo de igreja), causa tensões e disputas internas, não se consegue penetrar em camadas sociais elevadas, além de inúmeras dissidências provenientes de pessoas corajosas e outras mudas, de bastidor. Mariano (p. 205) afirma que “Para os propósitos expansionistas da Assembléia de Deus, esses costumes e hábitos, com status de doutrina bíblica, estão se tornando cada vez mais disfuncionais”. Em outras palavras, isso se traduz em perdas.

- Por que mudar?

Mulholland (2004), escreve que quando “Jesus apareceu tentaram forçá-lo a se conformar com suas tradições. Mas ele se recusou a pôr o novo vinho do evangelho em vasilhas de couro velho e estragá-lo (Mc. 2.18-22)”.

A nova aliança oferece novos corações e liberdade para criar novas formas (Mc. 7.1-23). Ainda muitas pessoas resistem a mudanças. Preferem fazer como sempre fizeram, mesmo que esses costumes prejudiquem o avanço do evangelho.

Mudanças são comuns no mundo ao nosso redor. Encontram-se na família, na mobilidade de multidões que cortaram suas raízes, na perda do conceito de comunidade como unidade íntima e ativa, no nível de instrução, na complexidade social e nas estruturas sociais, políticas e financeiras. Estas e outras alterações na sociedade exigem modificações nas igrejas. Como o Pastor Kilinski e o Professor Wofford (p. 109) dizem: “Toda organização precisa mudar se quiser sobreviver. [...] As igrejas de hoje estão começando a reconhecer que a sua sobrevivência agora está em foco”. (MULHOLLAND, 2004, p. 223-224).

Pelo exposto, deduzimos quão frágeis são os costumes religiosos e pouco ou nenhum efeito positivo produzem.

### 1.3 Legitimação

Berger (1985, p. 42), extrai seu conceito de Weber e a define como “o ‘saber’ socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o ‘porquê’”

---

<sup>3</sup> Mesmo com essa fuga dos jovens, a Assembléia de Deus mantém seu crescimento, fato que ocorre apenas nas camadas mais incultas da população que aceitam essas normas sem questioná-las. FERNANDES (1998, p. 11), tratando acerca dos indicadores sociais tais como renda, educação, cor e diferença denominacionais, em sua pesquisa demonstra que “Apesar de soprar em todas as direções da sociedade, parece claro que o carisma pentecostal expande-se mais nas bases da estrutura sócio-econômica”.

dos dispositivos institucionais”. Para Berger, a legitimação “serve para escorar o oscilante edifício da ordem social”.

Teixeira (2007) mostra que na visão de Berger

... a socialização exerce um papel importante de garantia de um consenso duradouro a propósito do oscilante edifício da ordem social. Mas a seu lado devem atuar outros mecanismos fundamentais de manutenção do *nomos*, entre os quais destaca o processo de legitimação e de controle social. (TEIXEIRA, 2007, p. 227)

Beauvoir (1980) disse certa vez: “A mulher não nasce mulher, ela torna-se mulher”. Da mesma forma, o homem também não nasce homem, ele torna-se homem sendo construído pela sociedade, pela cultura onde habita.

Seguindo este raciocínio, legitimação é definida por Teixeira (2007) como

... um processo cognitivo de justificação da ordem institucional, que confere “dignidade normativa” a seus procedimentos práticos. Berger visualiza diferentes níveis de legitimação, entre os quais a legitimação incipiente já presente no processo de transmissão de um sistema de objetivações lingüísticas, a legitimação rudimentar das proposições teóricas vigentes nos provérbios e máximas morais, a legitimação das teorias explícitas e a legitimação dos universos simbólicos. (TEIXEIRA, 2007, p. 227).

A legitimação só terá validade se houver uma estrutura de plausibilidade, ou seja, de aceitação social. Não basta que as respostas legitimadoras sejam repetidas indefinidamente. É preciso que a sociedade esteja estruturada para que essas respostas façam sentido. Deste modo, as normas e regras exteriores ao indivíduo são-lhe imputadas independentemente da sua vontade, sendo o respeito por elas obrigatório para que o indivíduo seja reconhecido e aceito como membro do grupo.

Para Berger, *nomia* é o processo de ordenação do mundo e da sociedade que fornece sentido e significado para o indivíduo e para a coletividade: “O *nomos* situa a vida do indivíduo numa trama de sentidos que tudo abarca”. Para ele, a religião ajuda a manter e a legitimar o mundo dos que crêem por meio das vivências e das experiências delas com o sagrado.

Weber (2004, p.13) assim a define: Legitimação é o “processo de criar poder, ou um padrão de ordens e obediência justo na opinião das pessoas. A autoridade

legítima é a autoridade sem oposição perceptível, obediência livre”. Para ele um dos papéis da religião é oferecer sentido e significado para o indivíduo ou para a coletividade que crê ou que teve uma experiência religiosa.

#### **1.4 Costumes nos tempos bíblicos**

No texto abaixo, os grifos foram efetuados para uma melhor visualização do tema abordado.

Coleman (1991, p. 58-74), nos traz um excelente panorama do contexto bíblico do Antigo e do Novo Testamento, acerca dos costumes no modo de se vestir, uso de perfumes, cosméticos, jóias, cabelo e barba, aqui resumidos. Embora os judeus não possuíssem uma grande variação de tecidos ou diversidade de modelos, eles se vestiam bem. Seu guarda roupa básico era: a túnica exterior, às vezes chamada de capa. José ganhou uma de Jacó. Paulo possuía a sua e até Bartimeu estava com a sua antes de ser curado. Era de tamanha importância que Coleman frisa: “um homem que se prezasse não entraria no templo sem estar conveniente vestido com sua capa”. Havia também a veste interior, conhecida como túnica, “uma espécie de camisa longa, semelhante a um vestido ou a uma camisola de dormir. Como a capa, era feita de lã ou linho”. Outra peça importante era o cinto; difícil andar sem ele. Coleman ensina que “nos dias de Cristo, os cintos tinham diversas finalidades práticas. Enfiavam-se neles facas, ou facões, espadas ou tinteiros de chifre.” Outros complementos eram chapéus e adornos de cabeça. Na antiguidade, havia apenas dois tipos de calçados: sandálias e sapatos.

O autor informa ainda que não havia muita diferença entre as roupas masculinas e femininas; estas eram menores que as dos homens, apenas. Algumas mulheres usavam batom e pintavam as unhas das mãos e dos pés. Outros, como Jacó e Gideão, usavam jóias (pendentes de ouro, cf. Gn 35.4; Jz 8.24). Muitos judeus gostavam de se enfeitar com diversos tipos de correntinhas, colares, anéis, pulseiras. Os judeus sempre apreciaram a barba. Normalmente era crescida, não aparada. Os cabelos, por sua vez, compridos como os de Sansão, de Absalão entre outros; as mulheres usavam tranças.

## **2. ANÁLISE INDIVIDUAL DE CADA COSTUME E DOS VERSÍCULOS APRESENTADOS PELA CGADB COMO FUNDAMENTO, À LUZ DE TEÓLOGOS CONTEMPORÂNEOS**

Do site da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil - CGADB<sup>4</sup> foram extraídos os costumes abaixo que serão objeto desta análise, os quais são legitimados pelos fiéis por intermédio de diversos mecanismos e se transformam em normas e para os quais há completa proibição.

A CGADB assim os titula e enumera:

**“Sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil”.**

Os “sadios princípios...” — leia-se — práticas vedadas aos crentes da denominação.

- 2.1) Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes;**
- 2.2) As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10);**
- 2.3) Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos- (Lv 19.28; 2 Rs 9.30);**
- 2.4) Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica (1 Co 11.6, 15);**
- 2.5) Mal uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e**
- 2.6) Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).**

---

<sup>4</sup> Disponível em:

[http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com\\_content&task=view&id=39&Itemid=36](http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=36) > Acesso em 16/05/2008.

A análise será iniciada pelo item 2.1

**Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes**

*A própria natureza das coisas não lhes ensina que é uma desonra para o homem ter cabelo comprido, (NVI)*

O que depreendemos da pesquisa é que no decorrer da história e, porque não dizer, nos tempos bíblicos, vários foram os tipos de tamanho e de cortes de cabelo utilizados pelas nações.

A palavra φύσις, segundo RUSCONI (2003, p. 488) é derivada da palavra φύω (substantivo) que significa: natureza.

Os sacerdotes judeus não podiam cortar os cabelos (Lv 21.5).

Ao nazireu, cuja palavra significa consagrado, o corte de cabelo era proibido pela Lei (Nm 6.1-7), pois não podiam passar a navalha na cabeça. Mantinham a longa cabeleira, idêntica a de Sansão e de Absalão.

Champlin (1995) nos dá a notícia que

...de maneira geral, os homens gregos usavam cabelos curtos, embora isso nem sempre ocorresse entre os hebreus (como no caso dos nazireus, que não passavam navalha na cabeça). Contudo, muitos gregos usavam cabelos compridos, incluindo os heróis gregos, e também, os filósofos, os mestres e os sábios. É bem possível que alguns dos leitores de Paulo ficassem perplexos ante essa declaração, pois, apesar disso refletir um costume geral entre os gregos, isso certamente não expressava o que era feito por todos. (CHAMPLIN, 1995, p.175)

Cita ainda que homens de várias nações usavam cabelos compridos como os samaritanos, lacedemônios, aqueanos...

Davis (1996, p. 93) nos diz que “Os egípcios, ordinariamente, rapavam a cabeça, mas, por ocasião de luto, deixavam crescer os cabelos. Os assírios pelo contrário, deixavam-nos crescer até caírem sobre os ombros. Os israelitas usavam-nos sofrivelmente compridos, cortando-os, para impedir demasiado comprimento.”

Nos tempos de Cristo era comum os homens usarem longos cabelos, embora já houvesse uma variedade de cortes.

Coleman (1991) ensina que

É possível que nos dias de Cristo houvesse diversos tipos de cortes masculinos. O mais popular era o cabelo a meio comprimento; mas não era incomum o uso de cabelos bem longos. Provavelmente, em certos momentos, os homens costumavam enfiar o cabelo sob o pano da cabeça. Pelas estátuas da antiguidade clássica que existem até hoje vemos que alguns tinham a cabeleira frisada, semelhante às permanentes de nossos dias. (COLEMAN, 1991, p. 58-74).

É difícil aqui fazer a defesa de Paulo quando levanta a questão de o homem ter cabelos compridos ser motivo de desonra. Usá-los, não era uma afronta aos costumes. Todavia, na tentativa de compreendê-lo melhor, pode ser pelo fato de ele falar ao povo de uma cidade com costumes libertinos. Todavia, por ser um homem culto, conhecia os costumes universais e os costumes dos filósofos gregos que, por exemplo, mantinham vasta cabeleira, fato que influenciou gerações posteriores.

Arrington & Stronstad (2003) preceitua que

... devemos interpretar esta passagem levando em conta as expectativas culturais de sua cultura, desde que tais costumes não sejam incompatíveis com o cristianismo. Outra é que as distinções entre o sexo masculino e feminino devem ser sempre mantidas. Estes princípios gerais devem ser observados, não importando o contexto específico em que os cristãos se encontrem. (ARRINGTON & STRONSTAD, 2003, p. 1004).

Segundo ele, talvez Paulo estivesse tentando combater um penteado “*unissex*”.

O Novo Testamento King James, Edição de estudo (2007, p. 397), em nota de rodapé informa que “No primeiro século, era costume no oriente os homens usarem os cabelos mais curtos do que o das mulheres. Paulo não acha importante discutir costumes locais e temporários ou culturas, desde que esses procedimentos não transgridam os princípios básicos do Evangelho de Cristo”.

Paulo quando se dirigia para a Síria, antes de embarcar, rapou a cabeça em Cencréia (At 18.18), devido a um voto que havia feito. Hoje, rapar careca se tornou um hábito para muitos, sejam crentes ou não, e ninguém os critica. Como é possível conceituarmos hoje cortes extravagantes? Diante da aldeia global em que se tornou

o mundo, o conceito de liberdade foi expandido, em todos os seus termos. Liberdade sexual, liberdade estética, liberdade da moda, liberdade da informação (TV, rádio, jornal, revista, internet...)... Diante de toda essa oferta de liberdade o assembleiano brasileiro deve evitar cortes<sup>5</sup> masculinos exóticos, como o moicano, o de estilo repicado, o corte com franja entre outros assemelhados ou ainda outros, que com toda certeza e razão possa confundir o homem com a mulher.

Geisler & Howe (1999) argumentam quão difícil é essa passagem que divide os comentaristas quanto ao seu sentido. A dificuldade está no entendimento da palavra natureza. Se entendida subjetivamente, natureza “denota sentimentos instintivos ou um sentido intuitivo quanto ao que seja apropriado. Isso pode ser afetado por hábitos e práticas culturais.” (GEISLER & HOWE, 1999, p.465-466) Se entendida objetivamente, natureza significa “a ordem das leis naturais”. Paulo fala do homossexualismo como sendo “contra a natureza” (Rm. 1:26), e fala que os gentios têm conhecimento — do que é certo e do que é errado — “pela natureza”, isto é, pela “lei escrita em seus corações” (Rm. 2:15). Concluem que cabelo comprido no versículo ora em discussão está posto para “provar a regra geral que se baseia na tendência natural de se diferenciar os sexos com base no comprimento do cabelo.”

Existe relação entre fé e comprimento de cabelo? Obviamente que não. Não obstante, a manutenção desse costume em alguns aspectos possa tolher a liberdade do homem, também impede que o novo crente que entra pela porta denominacional assembleiana participe do rol de membros, uma vez que não pode ser batizado enquanto assim permanecer.

Dos autores lidos, exceto a prática da maioria em não se criticar um escrito divinamente inspirado, não se encontrou nada que abonasse a decisão de Paulo em coibir os homens de ter cabelos compridos. Todos, com “luva de pelica”, procuram contornar o assunto. Devido à diversidade cultural, o homem até hoje não conseguiu “aprender com a natureza”, onde, em que ponto, de que forma é desonroso ou vergonhoso ter cabelos compridos. É mais uma questão cultural.

---

<sup>5</sup> CORTES de cabelo masculinos. Disponível em: <http://www.cortesepeiteados.com.br/fotos-de-cortes-masculinos-2.html?PageNo=1> > Acesso em 07/10/2008.

Enfim, se em determinada sociedade esse fato possa aparentar algo ruim ou ser motivo de escândalo o fiel deve abster-se da prática e fugir de toda a aparência do mal, tendo em vista que esse fato não constitui doutrina bíblica, não é basilar. Nas demais, por ser apenas mais um traço da temporalidade cultural, admite-se o costume. Quem assim o faz não erra o alvo.

## Item 2.2

**As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10)**

*9 Da mesma forma, quero que as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição, não se adornando com tranças e com ouro, nem com pérolas ou com roupas caras,*

*10 mas com boas obras, como convém a mulheres que declaram adorar a Deus.*  
(NVI)

No ambiente assembleiano a vestimenta principal da mulher é a saia ou o vestido. Todavia, embora extremamente conciso este tópico da convenção, o texto significa muito mais que isso: mulher não pode usar calça comprida, roupa sensual, bermuda, short, macaquinho, minissaia, vestido decotado, blusa sem manga, biquíni entre outras, quer seja na Igreja ou fora dela. As transgressoras podem perder vir a ser disciplinadas pela instituição ou até afastadas da comunhão da Igreja.

Que a mulher cristã deve se portar com decência, com decoro, não é apenas uma questão denominacional ou de fé, mas de bom senso, de bom alvitre, atemporal. Salomão, já em sua época, escreveu: “Como anel de ouro em focinho de porco, assim é a mulher bonita, mas indiscreta.” – Pv. 11.22 (NVI)

Hoje, o mundo invadiu nossos lares pela TV a cabo, pelo rádio, pela internet entre outros; há uma invasão cultural avassaladora. A cultura invade outra cultura. Chegará um ponto em que será extremamente difícil dizer qual roupa nossa sociedade usará, pois com essa invasão cultural alguns costumes sociais vão sendo desfeitos ou deixados de lado, com extrema rapidez, para que a moda estrangeira de se vestir prevaleça. Devido a esse fator temporal de constante mudança, como afirmar então com precisão o que é roupa de homem ou o que é roupa de mulher?

Como dizer que calça comprida é roupa de homem e vestido ou saia é roupa de mulher? O que dizer dos escoceses que usam saia (*kilt*)? São porventura menos

homens que os brasileiros? O *kilt*<sup>6</sup> surgiu no século XVI, no norte da Escócia. Cada clã ou família tinha um tipo de quadriculado no *kilt*, que identificava os seus integrantes. Os cortes de roupas (masculinos e femininos) por si só são suficientes para demonstrar suas diferenças. A calça feminina é mais justa, mais acinturada, mais colada ao corpo da mulher, ora com tecido mais fino, ora com estampas florais entre tantas outras possibilidades. O corte masculino da calça, devido às compleições físicas do homem é totalmente diferente do corte feminino.

Gower (2002), ensina que as roupas masculinas e femininas (Dt. 22.5) eram bem parecidas. “Em vista de ser tão básica, ela era idêntica para homens e mulheres, exceto que a do homem era geralmente mais curta (na altura do joelho) e a da mulher mais longa (na altura do tornozelo) e azul. A proibição de trocar as roupas teve sua origem no estímulo sexual que fazia parte da religião cananita.” (GOWER, 2002, p. 20). Nos tempos bíblicos as vestimentas eram básicas. Usava-se uma tanga (ou um saio) geralmente embaixo da túnica. A cabeça era coberta normalmente por um lenço ou outra cobertura. Já os calçados e casaco eram opcionais. O material com que as túnicas eram feitas podia ser lã, linho ou até de algodão. As de pano de saco ou de pelo de cabra eram geralmente usadas em épocas de luto.

Outro respeitado historiador Daniel-Rops (2008), nos ensina sobre a dificuldade que temos hoje em querer relatar a vida diária nos tempos de Jesus a não ser com os próprios elementos contidos no Novo Testamento.

#### A VIDA DIÁRIA

Muito pode ser dito ainda sobre a vida de uma comunidade humana mesmo depois de sua estrutura geográfica e histórica ter sido definida e suas instituições sociais básicas descritas, juntamente com seu tipo de habitação, vestuário e alimento; mesmo quando seus métodos de comunicação, sua linguagem e escrita, e suas atividades intelectuais e espirituais tiverem sido tratados. A fim de descrever a vida da sociedade de uma certa época em sua existência diária, seria necessário destacar todos aqueles pequenos e inúmeros detalhes e costumes, aquelas formas usuais de comportamento, atitude mental, gostos, necessidades, expressões comuns e superstições que se combinam para formar a atmosfera de um período, e que em sua maioria são tão pouco notados, tão praticamente automáticos, que ninguém se preocupa em registrá-los. Todavia, são justamente essas coisas que fazem o clima da época e que distinguem um período de outro, mesmo quando estes são bastante aproximados, pois esses pequenos hábitos e costumes mudam com extraordinária rapidez. Mesmo agora que possuímos uma quantidade enorme de equipamentos para prender o

---

<sup>6</sup> ESCÓCIA – Scotland. Disponível em: <http://tugas.co.uk/escocia.html> > Acesso em 08/10/2008.

momento que passa — jornais, cinema, gravadores — é difícil transmitir exatamente o que torna a década de sessenta diferente daquela dos anos cinquenta. Este é o pó impalpável da história, o pó iridescente que as asas de uma borboleta deixam em nossos dedos.

Para a Israel da época de Cristo a tarefa é muito mais difícil. Nossa fonte principal deveria ser o Novo Testamento, pois o Antigo Testamento se interrompe mais do que trezentos anos antes. Mas, não é preciso dizer que os evangelistas e apóstolos não tinham como alvo fornecer-nos informações sobre este assunto. Não obstante, uma alusão ocasional e breve destaca algum hábito característico da época: o beijo de Judas, por exemplo, e o modo como uma mulher desconhecida saudou Jesus nos informam a respeito de certas maneiras de falar e cumprimentar; mas esses fragmentos de informação exata são raros. (DANIEL-ROPS, 2008, p. 341-349)

Burns (1995, p.87), faz um comentário a respeito da moda, dizendo ser ela fruto da cultura, determinada pela cultura, pois “cada obra leva consigo as características pessoais de quem a produziu, mas a maneira como foi produzida é em sua maior parte ditada pela cultura. Os estilos mudam? Claro que sim, mas nunca transpondo os seus limites culturais”. Mostra como a moda é ditada pela cultura e pelo tempo em ondas regulares, tipo vai e vem. Ora usa saia longa, ora saia curta; ora saia rodada, ora saia justa, porém sempre observando o limite cultural.

A liberdade é um dos louros da cristandade — se Jesus libertou a humanidade do pecado, então todos são livres, desde que andem nas suas pisadas e sob Seu senhorio. A mulher assembleiana não pode se vestir com a liberdade que deseja em razão do poder da legitimação dos costumes adotados. Sua subjetividade foi fortemente vilipendiada, solapada.

Mulher de vestido longo, apenas por cumprimento da norma institucional, se torna flagrante vaidade denominacional. O objetivo desse costume de santidade é que a mulher assim se trajando parece ser mais santa e mais crente que outras que se vestem com calça comprida, brinco, pinturas, pulseiras e correntes de ouro...

Os “sadios princípios” — leia-se, costumes — determinados pela CGAD estão mais para um tipo de justificação humana, assim como o faziam alguns judeus que se circundavam, pois criam que a circuncisão, um ato formal da lei, visivelmente exterior, fosse suficiente para a salvação. Não pensariam assim também os atuais dirigentes da convenção, mais preocupados com aspectos exteriores — a capa do crente — do que com a sua vida interior?

Um dos objetivos da igreja é ensinar. Ensinar a gloriosa Palavra de Deus genuína, ensinar que o cristão precisa sim ser transformado por ela, ensinar o rebanho a crescer na graça, no conhecimento, ser liberto das corrupções deste mundo, se tornar uma nova criação em Cristo, um imitador de Cristo... certamente seria muito mais proveitoso para a fé, a fim de que o fiel produza frutos bons.

Gondim (1999, p. 12) fala com autoridade sobre o assunto: “Quanto mais rico o rebanho, menos policiamento; quanto mais pobre, maior a disciplina.” Comenta ainda: “Como as lideranças evangélicas são masculinas, a maioria das proibições visa às mulheres.”

Champlin (1995, p. 303) ensina que “traje decente” (katastole) possui dois significados: o primeiro pode significar “vestes” que encobrem o corpo e o segundo diz respeito a “comportamento”. Afirma que o primeiro se encaixa melhor na passagem. O autor dá sua versão de como o texto poderia ser compreendido: “Também desejo que as mulheres que fizerem parte das orações públicas se vestissem com modéstia.”

Arrington & Stronstad (2003) entende traje como o “comportamento ou conduta” e que deve ser modesto ou “com pudor e modéstia”. Entende que esta última expressão tem um sentido sexual, devendo a mulher ser reservada e não fazer o que é desonroso. Levanta um aspecto do contexto cultural da época:

“A ostentação na vestimenta era freqüentemente considerada um sinal de promiscuidade no mundo antigo [especialmente entre os cristãos], tais gastos, tão grandes, eram considerados injustificados em razão da difícil situação dos pobres.” (Kroeger e Kroeger apud Arrington, 2003, 1451). Conclui o assunto dizendo que “o adorno apropriado de uma mulher que professa reverência a Deus são suas ‘boas obras’, seu comportamento fiel.” (ARRINGTON & STRONSTAD, 2003, p. 1450-1451).

O uso de roupas varia de acordo com a cultura. O uso de anéis, de pedras preciosas, de outras jóias ou até mesmo o local do corpo onde ficarão expostas (ou não) varia de acordo com a cultura. O Antigo Testamento fala com riqueza de detalhes sobre o uso de anéis, jóias, pedras entre outros comumente usados pelos judeus (Ex.: Gn. 24.53; Ex. 12.35; Is. 23.40; Ez. 16.8-14). Paulo não condenou expressamente esta ou aquela roupa ou jóia; com base no contexto cultural de algumas igrejas em cidades para as quais ele escreveu, apenas orientou o que era

melhor para as mulheres, principalmente porque a maioria dos crentes era pobre. Ele assim procedeu buscando evitar disparidades ou divisão na Igreja entre classes financeiramente privilegiadas *versus* classes financeiramente pobres, assim como ocorreu em Corinto, quando os crentes se reuniam no dia da Ceia do Senhor (1Co. 11.19-22). Ali os ricos comiam primeiro com seus pares e até se embriagavam; os pobres chegavam com fome depois da jornada de trabalho e não havia mais alimento para eles.

É impossível compatibilizar costumes com mais de dois mil anos, período em que Paulo escreveu suas epístolas e o mundo em que hoje vivemos. Não há engenheiro que consiga fazer essa ponte!

## Item 2.3

**Uso exagerado de pintura e maquiagem — unhas, tatuagens e cabelos -  
(Lv 19.28; 2 Rs 9.30)**

Tanto quanto já dissemos no tocante à vestimenta, aqui também o bom senso deve sempre predominar. Tudo que é excesso não é bom; em tudo deve haver equilíbrio. A mulher tem o Espírito Santo e um dos frutos de quem O possui é domínio próprio, temperança.

Todavia, pintura e maquiagem são costumes femininos que existem há milhares de anos. A Jezabel abaixo citada era mulher de Acabe, rei de Israel que reinou, aproximadamente, entre 874-853 a.C.

Daniel-Rops (2008), acerca do assunto comenta:

Nos dias de Jezabel as mulheres costumavam reparar os estragos dos anos, tingindo os cabelos com tinta vermelha de Antioquia ou hena de Alexandria.

...

Além disso, elas se pintavam e se perfumavam. Entre os objetos encontrados nas escavações arqueológicas existem muitos potinhos e apetrechos para pintar o rosto feitos de osso, marfim ou metal, assim como espátulas para espalhar cosméticos. Esta era uma prática antiga: mesmo antes de Abraão ter chegado à Palestina, as mulheres de Creta e do Egito já estavam tão familiarizadas com a maquiagem para os olhos, rosto e lábios quanto as parisienses de hoje. Este exemplo deveria ter sido seguido muito rapidamente; Ló não chamou sua terceira filha pelo nome pitoresco de Pote de Antimônio? O antimônio ou pouch era usado para escurecer as pestanas e sobrancelhas: os romanos o chamavam de stibium, sendo conhecido pelas mulheres árabes de hoje como kohl. Para o rosto e os lábios elas usam a sikra que já foi mencionada como a substância para colorir a tinta de vermelho. As folhas de uma espécie de alfeneiro, chamada al khanna (com frequência mencionado nos Cantares de Salomão, esse catecismo de amor), quando reduzidas a cinza fornecem uma tinta vermelho-amarelada que as mulheres árabes usam para colorir as unhas e as palmas das mãos, e até o cabelo na ausência de outras tintas. As judias da época de Cristo faziam o mesmo? Algumas, mas nem todas. Podemos porém imaginar Maria Madalena com as sobrancelhas escurecidas, cílios azuis, face pintada e palmas das mãos tingidas. (DANIEL-ROPS, 2008, p. 341-349)

Coleman (1991) escrevendo acerca de cosméticos nos dá o seguinte parecer:

#### OS COSMÉTICOS

Praticamente todos os tipos de cosméticos que temos hoje já existiam na antiguidade. É verdade que os gentios eram mais apreciadores de cosméticos do que os israelitas, mas estes também faziam muito uso deles. Algumas mulheres usavam batom e pintavam as unhas das mãos e dos pés. Os pós faciais também

já eram conhecidos, e algumas aplicavam rouge vermelho ou preto, utilizando um bastão. Havia até as que usavam maquiagem para os olhos. A rainha Jezabel, por exemplo, se pintava segundo o estilo das mulheres fenícias. Por causa dela essa prática talvez tenha sido um pouco rejeitada (2 Rs 9.30). Os profetas Jeremias (4.30) e Ezequiel (23.40) falam de cosméticos de forma um tanto depreciativa, e talvez fosse por isso que algumas mulheres judias não se sentissem muito à vontade para usá-los. (COLEMAN, 1991, p. 58-74)

Na realidade, não é só o uso exagerado que se proíbe mas até o uso comum da maquiagem. Uma mulher não pode usar batom, não pode pintar as unhas, não pode cortar os cabelos conforme seu gosto. A instituição dita as regras e pune quem não as cumpre. Infelizmente, em cultos de Santa Ceia, as mulheres são “lembradas” com sermões que pregam costumes como se doutrina fossem.

Examine-se os fundamentos apresentados pela CGADB para manutenção dessas condutas:

*Lv 19.2 “Não façam cortes no corpo por causa dos mortos, nem tatuagens em si mesmos. Eu sou o Senhor.*

*2Rs 9.30 “Em seguida Jeú entrou em Jezreel. Ao saber disso, Jezabel pintou os olhos, arrumou o cabelo e ficou olhando de uma janela do palácio”. (NVI)*

O texto de Levíticos foi endereçado aos hebreus e essa prática lhes era vedada. Embora a Lei lhes tenha sido dada, certamente o crente hoje deve evitar práticas dessa ordem, pois seu corpo não lhe pertence, é templo do Espírito Santo e propriedade de Jesus, o Senhor de tudo e de todos. Todavia, nenhum fundamento há nele para a proibição do uso de cosméticos.

Pfeiffer (1984, p. 131) ensina que os judeus não poderiam ferir sua própria carne. “Proíbe-se qualquer desfiguramento voluntário da pessoa. Incisões e tatuagens no corpo eram praticadas pelos pagãos.”

Champlin (2001, p. 554) é mais abrangente em seu comentário acerca de tatuagens. “Essa é uma proibição contra as mutilações. Muitos povos pagãos lamentavam-se desse modo pelos mortos. Quem lamentava por um morto cortava-se como se fosse um sinal de consternação pela morte de um parente ou amigo,

pensando que isso adicionava algo à sinceridade de sua lamentação. Tais atos eram estritamente proibidos em Israel.”

O texto contido no segundo livro de Reis, fala de uma mulher tão conhecida e tão citada pelos pregadores, por seu uma figura, um exemplo do que uma mulher pentecostal não deve ser. Não é possível extrair desse versículo um princípio eterno. Associar a mulher cristã à Jezabel, por causa de vestimenta, de estética facial ou o cuidado com suas unhas, cabelos... é tratá-la com desprezo, é desrespeitá-la. A figura da rainha é usada depreciativamente por pastores para tentar legitimar uma doutrina contra uso de cosméticos em geral. A legitimação acontece de forma gradativa, quando com o passar dos anos as meninas aprendem com suas mães o ensino contra esse “mau uso”, aprendem também com os pregadores, com a literatura denominacional... Assim, a conduta vai sendo legitimada, aceita, validada.

A exigência em se obedecer a esses costumes invade um direito exclusivo e individualíssimo das mulheres de se vestir, de se maquilar, de pintar as unhas e os cabelos entre outros, enfim, de se portar como toda mulher cristã deve se portar: com decência, com sabedoria, com equilíbrio. Todavia, a desobediência à conduta legitimada, aceita, validada, gera culpa na mulher.

Tournier (1985), escrevendo sobre a culpa, nos diz que:

Vejam a que ponto Jesus Cristo se opôs à mentalidade primitiva dos tabus e ao moralismo da lei casuística. Profetas atacaram isto quando denunciaram constantemente o pecado das pessoas virtuosas e a vaidade dos ritos para conseguir uma consciência tranqüila. Jesus Cristo dá o golpe final, convencendo da culpa as pessoas moralistas e conscienciosas, proclamando que todos os homens são igualmente pecadores a despeito de todos os seus esforços; que não é fazendo valer a sua pretensa impecabilidade, mas ao contrário, arrependendo-se e confessando a sua culpa é que eles encontrarão a graça que a apaga. (TOURNIER, 1985, p. 140).

Até que ponto é aceitável a instituição interferir na vida pessoal de seus membros?

Os textos apresentados pela instituição como fundamentos bíblicos para justificação da conduta vão à ruína diante do conteúdo acima. Seus contextos nada têm a ver com o tema ora em discussão, fato que acaba gerando uma falsa impressão de deficiência no ensino da liderança.

## Item 2.4

**Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica  
(1 Co 11.6, 15)**

*6 Se a mulher não cobre a cabeça, deve também cortar o cabelo; se, porém, é vergonhoso para a mulher ter o cabelo cortado ou rapado, ela deve cobrir a cabeça.  
15 e que o cabelo comprido é uma glória para a mulher? Pois o cabelo comprido foi lhe dado como manto. (NVI)*

É necessário ter em mente a seguinte questão: a Bíblia condena o uso de cabelos curtos nas mulheres? Os textos a seguir, provarão fartamente, sobejamente, que a Bíblia não condena; algumas instituições, sim.

Zuck (1994, p. 111) faz a pergunta e dá a resposta: “As mulheres deveriam usar xales na cabeça para ir à igreja hoje em dia? Não, porque o uso do xale no mundo greco-romano não teria o mesmo sentido em nossa cultura. Esse ato não contém o mesmo simbolismo original.”

Fee & Stuart (1997) ao tratarem do problema do relativismo cultural assim comentam:

Quase todos os cristãos, pelo menos até certo grau limitado, realmente traduzem a Bíblia para novos contextos. Sem articular a questão exatamente nesta forma, é, por isso que os evangélicos no século XX deixam “um pouco de vinho, por causa do teu estômago” no século I, e não insistem que as mulheres cubram a cabeça nem tenham cabelos compridos hoje, e não praticam o “ósculo santo.”

..  
Freqüentemente, tem havido alguns que procuraram rejeitar totalmente a idéia de relatividade cultural, que mais ou menos os levou a argumentar em prol de uma adoção total de uma cultura do século I como sendo a norma divina. (FEE & STUART, 1997, p. 54-56)

Eles afirmam que não há uma cultura divinamente ordenada. Eles querem “salvaguardar o evangelho de ser transformado em lei através da cultura ou do costume religioso”.

Morris (1981) salienta que “o comprimento do cabelo não é especificado, e não é importante”. Barclay (apud Morris, 1981, p. 125-126) leciona:

Temos que lembrar que quando Paulo falou acerca das mulheres nos termos em que o fez nas cartas aos coríntios, ele estava escrevendo à cidade mais licenciosa do mundo antigo, e que num lugar assim a modéstia tinha que ser observada e mais que observada; e que é de todo injunto arrancar um regulamento local das circunstâncias em que ele foi dado, e fazer dele um princípio universal. (MORRIS, 1981, p. 125)

O que Barclay fez foi utilizar a primeira regra básica da hermenêutica: “um texto não pode significar aquilo que nunca poderia ter significado para seu autor ou seus leitores”. (FEE & STUART, 1997, 48).

A Bíblia de Jerusalém (2002, p. 2006), em nota de rodapé, comenta que “O cabelo curto denotava a homossexualidade feminina (cf. 11,15).”

Arrington & Stronstad (2003), comentando o versículo 6, explicam que “O substantivo velar/cobrir (*kalymma*) não consta neste capítulo, mas constam formas relacionadas (*katakalypto* – cobrir [v. 6, 7]; *akatalyptos* – descoberto [v.5, 13].”

Embora a idéia de um véu para cobrir a cabeça esteja presente, não precisa ser interpretado como algo que cubra a face. O termo “xale” pode expressar melhor a idéia. Tanto entre os judeus como entre os gregos, esta peça habitual no vestuário da mulher, usada para se cobrir, era considerada modesta e era especialmente apropriada para a adoração. (ARRINGTON & STRONSTAD, 2003, p. 1000).

Quanto ao versículo 15, Arrington & Stronstad (2003) escreve:

Paulo apela para o que é comum, aos costumes cotidianos da época; era considerado culturalmente “natural” que o cabelo da mulher fosse longo, e o do homem curto (é claro que a “natureza” não dotou somente a mulher da possibilidade de ter cabelos longos). Além disso, Paulo sabia que no reino animal, como com leões, a “natureza” dotou o macho com cabelo mais longo e abundante. A discussão inteira termina com a idéia de que o cabelo longo de uma mulher é sua glória, porque é dado a ela como uma coberta (*peribolaion* – uma palavra diferente da que foi previamente usada, mas que tem o mesmo significado. (ARRINGTON & STRONSTAD, 2003, p. 1003).

Alguns grupos religiosos, entre eles a para-eclésiástica CGADB, ensinam e mantêm o uso do cabelo comprido para as mulheres, para aparentar uma maior santidade através do que é exteriorizado.

Alguns crentes tem receio de serem delatados por outros fiéis por desobediência a conduta proclamada. O conteúdo de Salmos 32.8-9 é significativo:

*Não sejam como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento mas precisam ser controlados com freios e rédeas, caso contrário não obedecem.*” (NVI).

“Já que vocês morreram com Cristo para os princípios elementares deste mundo, por que, como se ainda pertencessem a ele, vocês se submetem a regras: Não manuseie, não prove, não toque? Todas essas coisas estão destinadas a perecer pelo uso, pois se baseiam em mandamentos e ensinamentos humanos. Essas regras têm de fato aparência de sabedoria, com sua pretensa religiosidade, falsa humildade e severidade com o corpo, mas não têm valor algum para refrear os impulsos da carne.” (Cl. 2.20-23 - NVI)

A mulher ao longo do tempo aprendeu a conviver como vassala, crendo que na sua submissão aos ensinamentos pastorais estaria sendo fiel ao Senhor, pois assim Ihe foi ensinado. Com o decorrer dos anos, os costumes foram sendo completamente legitimados, e tais ensinamentos ficaram nelas arraigados e aceitos como preceitos corretos, como doutrina bíblica, como verdade absoluta.

Isto posto, Paulo não fixou a medida, o comprimento dos cabelos; tampouco, proibiu o corte dos cabelos. O desconhecimento ou o descaso do relativismo cultural, a não valorização do momento social que tem produzido mudanças profundas na sociedade (aliás, um fenômeno mundial), a inflexibilidade legalista levada a extremos entre outras hipóteses, tem imposto condutas aos fiéis sem o devido cuidado com o respaldo bíblico que possam fundamentá-las.

No fundo no fundo, a manutenção dessas condutas até hoje sugere uma disfarçada vaidade institucional em se valorizar o exterior em detrimento da verdadeira busca pela santidade. Essa prática produz na mulher cristã hipocrisia — o grande pecado que Jesus combateu — e a falsa segurança de que em assim procedendo estaria demonstrado que é uma cristã acima de qualquer crítica.

## Item 2.5

**Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8); e**

*1 Co. 6.12 “Tudo me é permitido”, mas nem tudo convém. “Tudo me é permitido”, mas eu não deixarei que nada me domine.*

*Fp. 4.8 Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas. (NVI)*

A tecnologia avança a cada segundo. A inovação está presente em todos os setores e incontáveis são os seus benefícios. Impossível para o homem atualizado viver hoje sem estar conectado à internet, ao uso do telefone celular, a TV a cabo, ao rádio “Nextel” que permite que se fale em conferência com pessoas diversas nas principais cidades do Brasil e do exterior... entre outros.

A religião não pode abrir mão da tecnologia. Em seu estudo, José Maria da Silva<sup>7</sup>, nos fala que numa sociedade altamente tecnologizada, com uma realidade diversificada, mutável, complexa e, por vezes, pouco transparente, “as religiões não podem deixar de empregar métodos científicos para o mais objetivamente possível analisar a realidade quanto às suas leis internas e quanto às suas possibilidades de futuro” (KÜNG, 2001, p. 75).

Porém, nem tudo são flores. O mau uso da tecnologia pode trazer problemas diversos. Resumindo sucintamente, três problemas podem ser apontados de imediato: um de natureza física (enfermidade), outro de natureza social e outro ainda de natureza espiritual.

---

<sup>7</sup> SILVA, José Maria da. Estudo: Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andrés Torres Queiruga

Fisicamente, estar horas a fio diante de um computador trás riscos à saúde tais como lesões físicas por esforço repetitivo nas mãos ou nos braços, irritação nos olhos por muito esforço ou pela luminosidade do monitor de vídeo, sedentarismo, tendinites, dor nos pés ou nas costas devido à postura incorreta, entre outros.

Jovens e adolescentes, por sua falta de maturidade, estão perdendo muito socialmente: não há mais tempo para relacionamento familiar. Alguns passam grande parte do dia trancados em seus quartos plugados na rede. Não conversam, não passeiam, não visitam parentes, não dão satisfação sobre o que estão fazendo.

No sentido espiritual tanto pior, pois a fragilidade espiritual neste período de pós-modernidade é patente, pois a fé recebe intensivos ataques de todos os lados inclusive do ateísmo. O fiel precisa mais do que nunca, da ajuda do Espírito Santo para controlar-se diante de tantas ofertas: de marketing (um shopping dentro de casa), de sexo (a pornografia está escancarada de graça na internet, além de estar na TV aberta e ainda mais na TV a cabo), de práticas ilícitas (golpes através da rede), de convites indesejáveis ou indecorosos por e-mail, jogos online, comunidades (tipo Orkut) que prejudicam mais do que ajudam entre outros. A consulta a sites inapropriados (ex.: pornografia), a busca desenfreada por relacionamentos escusos com amigos ou amantes virtuais pode confrontar ou até destruir a vida santificada que o cristão deve ter.

Se o cristão não produzir frutos espirituais, se não houver um domínio próprio controlado pelo Espírito de Deus ele sucumbirá. O amor a Jesus, ao seu senhorio somado ao poder regenerador do Espírito Santo pode libertar o homem da busca pelo pecado e fazer dele um verdadeiro embaixador de Cristo.

O uso da tecnologia para fins pacíficos e sadios trás confortos e alegrias nunca dantes imaginados. Estar numa chácara no meio do mato e falar pelo rádio com o filho em outro continente, instalar uma pequena antena para captar sinais do satélite (SKY, por exemplo) e assistir filmes com a família e com os amigos presentes, estar à beira de uma piscina, no meio da floresta amazônica ou do Saara e poder atender o celular (GSM ou via satélite), acessar a internet numa emergência ou por puro prazer, para pesquisa científica, usando o notebook sem fio (wireless) ou

mesmo conectado ao celular são mimos que todos querem ter. Enfim, são avanços dos quais ninguém quer abrir mão.

E o que é mais interessante: até aos pobres se estendeu o acesso à tecnologia. A navegação independe da condição sócio-econômica; finalmente um oásis onde ciberneticamente “todos são iguais”?! Devido à expansão das transnacionais, aqui se instalaram grandes empresas que, impelidas pela competitividade, baixaram seus preços tornando-os acessíveis a quase todas as classes sociais. É comum passar numa favela e ver antenas parabólicas, ver pessoas se comunicando pelo celular, alguns com joguinhos de mão entre outros.

A instituição não deve proibir o uso da tecnologia. Proibir não resolve, não gera resultados; gera, sim, desobediência. Ela deve instruir seus fiéis mostrando tanto as coisas boas como as danosas, tantos os benefícios quanto os malefícios que ela tem proporcionado.

É lícito ao fiel usar tudo o que a tecnologia pode lhe oferecer. Paulo ensinou com muita clareza, com grande sabedoria:

*“Tudo me é permitido”, mas nem tudo convém. “Tudo me é permitido”, mas eu não deixarei que nada me domine”. – 1Co. 6.12 (NVI)*

O fiel pode fazer qualquer coisa, é livre, mas nem tudo lhe convém, nem tudo edifica. Mais adiante Paulo arremata: *Ninguém deve buscar o seu próprio bem, mas sim o dos outros.*

Quanto às coisas que não convém não devem ser utilizadas. Aqui vale o emprego da máxima: “é melhor obedecer que sacrificar”.

Tito dá um maravilhoso ensino e uma séria advertência quando diz:

*“Para os puros, todas as coisas são puras; mas para os impuros e descrentes, nada é puro. De fato, tanto a mente como a consciência deles estão corrompidas. Eles afirmam que conhecem a Deus, mas por seus atos o negam; são detestáveis, desobedientes e desqualificados para qualquer boa obra.” Tt .1.15, 16 (NVI)*

## Item 2.6

**Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv. 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).**

*Pv. 20.1 O vinho é zombador e a bebida fermentada provoca brigas; não é sábio deixar-se dominar por eles. (NVI)*

O livro de Provérbios é de estilo sapiencial. Acerca desse livro Fee & Stuart (1997) ensinam que um “provérbio é uma expressão *breve e específica* de uma verdade”. Falando acerca da compreensão dos provérbios assim escrevem:

... Devem ser compreendidos de modo razoável e aceitos dentro de suas próprias condições. Não declaram tudo acerca de uma verdade, mas apontam *em direção a ela*. Interpretados literalmente, freqüentemente são tecnicamente inexatos. Mas como diretrizes facilmente aprendidas para formar um comportamento selecionado, são insuperáveis. (FEE & STUART, 1997, p. 207)

Provérbios não devem ser encarados como doutrina ou fundamento como acima exposto no presente tópico para deveres dos cristãos, porque nele não está contido nenhum princípio eterno. Dever (2008, p. 537) fala a esse respeito quando diz: “Claro que o livro de Provérbios, por melhor que seja ele, não fornece a palavra final que encontramos na sabedoria de Deus. Para isso, temos de nos voltar para o Novo Testamento.”

Prova contundente de que um provérbio não se constitui em doutrina pode ser visto no mesmo livro, onde fala exatamente o contrário do que foi visto na passagem anterior (Pv. 20.1):

*Pv. 31.6 Dai bebida forte ao que está prestes a perecer, e o vinho aos amargurados de espírito.*

Ora proíbe, ora autoriza. Sendo um livro de sabedoria, carece de um olhar mais cuidadoso. Mostra excelentes condutas como obedecer aos pais, o exercício da caridade, Deus recompensa os que buscam a verdade, o ser humano deve

trabalhar, ter temor ao Senhor entre outros, exemplos de teologia prática. Bons exemplos devem ser seguidos em todos os tempos.

O comentário que se faz ao presente item não é de maneira alguma uma apologia à bebida e sim um esclarecimento. Apresenta-se inicialmente uma opinião médica sobre o assunto. Campos<sup>8</sup>, em seu site na Internet, demonstra os seguintes benefícios apresentados pelo vinho:

Os benefícios do vinho Segundo pesquisas comprovadas, se ingerido moderadamente, o álcool traz benefícios ao nosso organismo, sendo que associado a uma fruta, como a uva, age ainda melhor sobre as paredes das artérias, além de abrir o apetite. Responsável pela elevação das lipoproteínas de alta densidade, além de diminuir a agregação das plaquetas, o resultado será benéfico à proteção do aparelho cardiovascular. As pessoas portadoras de diabetes, hipertensos, alcoólatras, hepatite e outras doenças, estão impossibilitadas de aproveitar os benefícios do vinho. Com exceção dos indivíduos que sofrem de alta acidez estomacal, a acidez contida no vinho ajuda as funções gástricas intestinais. Outro benefício do vinho, são as substâncias que ele contém, que retardam o envelhecimento celular e orgânico.

O vinho pode sim ser bebido com moderação, com parcimônia; tudo que é excessivo, não é bom. O cristão deve ter domínio próprio, um dos maravilhosos frutos do Espírito. Ele pode tomar um cálice de vinho, o que é até recomendado por cardiologistas por fazer bem ao coração, fato público e notório. Todavia, ninguém deve se embriagar. O cristão deve sim, ser diferente do homem velho para ser nova criação e um imitador de Cristo.

O livro de Provérbios reflete o trabalho de Salomão que catalogou inúmeros provérbios existentes em sua época, além dos que ele possivelmente possa ter criado. Sellin & Fohrer (2007, p. 445-446) ensinam que embora “se atribua a sua autoria a Salomão, que era considerado o sábio por antonomásia, o que o livro realmente oferece é um apanhado da doutrina sapiencial israelítica ou não-israelítica, recobrando um espaço de vários séculos”.

Quanto ao vinho, este foi fartamente consumido pelos judeus no Antigo Testamento (Gn. 9:21, Gn. 14:18, Gn. 27:25, Lv. 10:9, Dt. 14:26, Jz. 19:19, 2 Sm 13:28, 2 Sm 16.2, 1Cr. 16.3, Jó 1:13, 18, Ec. 2.3; 9.7, Ct. 5.1; 8.2, Is. 25.6, Ez. 44.21, Am. 6.6).

---

<sup>8</sup> CAMPOS, Shirley de. *Gastronomia* - Benefícios do Vinho. Disponível em: <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias.php?noticiaid=492&assunto=> > Acesso em 03/10/2008.

O primeiro milagre de Jesus foi transformar água em vinho. E ele também experimentou do fruto da vide em algumas ocasiões (Ex.: Ceia do Senhor).

Paulo, conhecedor das propriedades curativas do vinho, orientou Timóteo, seu filho na fé, que usasse “de um pouco de vinho, por causa do teu estômago e das tuas freqüentes enfermidades” – 1 Tm. 5.23. Portanto, beber vinho não é pecado! Deve-se apenas usá-lo com sabedoria e prudência.

*1 Co. 6.10 nem ladrões, nem avaros, nem alcoólatras, nem caluniadores, nem trapaceiros herdarão o Reino de Deus*

*Ef. 5.18 Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito, (NVI)*

O substantivo alcoólatra significa viciado em bebidas alcoólicas. Todos os crentes admitem que Jesus liberta e liberta também do vício, quando o novo convertido assim o deseja. Quando isso não ocorre, a impressão que se tem é que não houve conversão.

Mas cuidado para não misturar as coisas. Tomar um cálice de vinho em data festiva, aniversário de casamento, o encontro com um velho amigo, um jantar à luz de velas para comemorar suas bodas... nada disso tem a ver com o pecado do alcoolismo. Existe verdade quando se diz que ninguém começa bebendo uma garrafa. Começa bebendo um pouquinho até, talvez, se tornar um alcoólatra. Se não se tem domínio, se não tem freios, não respeita limites, então fique longe do vinho ou do álcool!

O bom senso deve prevalecer sempre. O alcoolismo é motivo de escândalo para cristãos e não-cristãos, uma miséria para o ser humano.

No versículo apontado como fundamento pela CGADB, Paulo, escrevendo aos cristãos habitantes da pagã Corinto, nega lugar no céu para os alcoólatras.

Essa condenação ao alcoolismo foi aqui repetida por Paulo. Tudo indica que aquela igreja tinha sérios problemas. Paulo, no capítulo 5 dessa mesma carta ensina:

*11 Mas agora estou lhes escrevendo que não devem associar-se com qualquer que, dizendo-se irmão, seja imoral, avarento, idólatra, caluniador, alcoólatra ou ladrão. Com tais pessoas vocês nem devem comer. (NVI)*

Reitere-se: o texto acima se refere aos alcoólatras, aos bêbados e aos demais citados no versículo.

Não se pode aqui condenar Timóteo que foi aconselhado a fazer uso de apenas um pouco de vinho. Tomando como exemplo, como ninguém pode condenar Timóteo assim também não podemos condenar os demais cristãos por tomarem um pouco de vinho nos dias de hoje.

Para os ministros e líderes em geral é aconselhável evitar o uso do álcool (1Tm 3.3; Tt. 1.7), pois nunca se sabe quando a igreja vai necessitar de seus serviços. Ex.: seria desastroso para um pastor ir a um funeral com hálito alcoólico!!!

### 3. ANÁLISE DOS FATORES RESPONSÁVEIS PELA MANUTENÇÃO DOS COSTUMES ATÉ OS DIAS DE HOJE

Com o decorrer do tempo os costumes sofrem alterações. Não há outra fonte paralela às Escrituras que traga uma revelação complementar. Deste modo, há que se fazer uma análise profunda desses costumes para que não venham a confrontar a Palavra de Deus.

*Ethos*<sup>9</sup>, na Sociologia, é uma espécie de síntese dos costumes de um povo. O termo indica, de maneira geral, os traços característicos de um grupo, do ponto de vista social e cultural, que o diferencia de outros. Seria assim, um valor de identidade social.

Para a Administração Pública, Nobrega<sup>10</sup> ensina que *ethos* “significa o conjunto de valores e hábitos consagrados pela tradição cultural de um determinado povo. Aqui, ética se traduz comumente por moral;...”

Freston<sup>11</sup> (1996, p. 76), em sua *Breve história do pentecostalismo*, diz que: “A Assembléia de Deus (AD) tem um *ethos* sueco-nordestino. Começou com os nórdicos e passou para os nordestinos. Sem entender as marcas dessa trajetória, não se entende a AD”.

#### 3.1 O machismo dos novos líderes brasileiros do norte/nordeste

Na realidade, a contribuição brasileira para a formação desses costumes foi inicialmente nortista. Com a chegada em Belém do Pará, os missionários pioneiros Gunnar Vingren e Daniel Berg foram se aculturando e surgindo novos líderes nativos. A cultura machista desses novos líderes deu contribuição decisiva para a formação dos costumes até hoje mantidos.

---

<sup>9</sup> ETHOS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos> > Acesso em 08/10/2008.

<sup>10</sup> NÓBREGA, Adriano Rodrigues. Artigo: A centralidade da ética na Administração Pública. Disponível em: <http://portal.ouvidoria.fazenda.gov.br/ouvidoria/ActionServlet?idInformacao=222&objeto=br.com.tellus.ouvidoria.negocio.InformacaoUtil&acao=recover> > Acesso em 08/10/2008.

<sup>11</sup> ANTONIAZZI, Alberto. *Nem anjos nem demônios*: Interpretações sociológicas do pentecostalismo.

Portanto, o problema dos usos e costumes nas Assembléias de Deus é brasileiro, não ocorrendo em outros países. A Colômbia é um dos maiores sucessos de trabalho missionário fora do Brasil, realizado por um pastor da Assembléia de Deus que não fora enviado pela igreja. José Satirio dos Santos iniciou os trabalhos e até hoje o preside, tendo sabiamente liberado a igreja local dos costumes derivados do regionalismo brasileiro.

Nos Estados Unidos, onde nasceu a igreja, “os tabus comportamentais que, no começo, atingiam atividades fora dos horizontes sociais dos membros, passaram a ser disfuncionais e foram relaxados”. (FREESTON, 1996, p. 85).

Esses costumes foram tão fortes no início do pentecostalismo brasileiro, tão marcantes, que os cristãos da denominação eram taxados “pejorativamente, como “crentes”, “bíblias”, “glórias”, “aleluias” e até “bodes”. (MARIANO, 2005, p. 187).

Nas culturas norte/nordestina o homem recebe uma formação extremamente machista e adota esse *modus vivendi* que lhe é transmitido pela cultura. Depois se converte à fé cristã, mas o traço cultural não se perde, permanece.

Em artigo publicado na revista Espaço Acadêmico, Andrade (2008)<sup>12</sup> analisa as representações masculinas contidas no filme “O Auto da Compadecida” e nos trás um relato acerca do machismo na região nordestina.

As problematizações dos estudos de gênero têm sido necessárias para a superação de preconceitos e estereótipos. A recorrência de imagens de um nordestino macho, com características rudes e rígidas acaba por incidir num trabalho pedagógico que inscreve nos corpos o gênero e a sexualidade “legítimos”. Essa influência cristã e sexista presente no filme, constroem representações de gênero associadas aos espaços histórico e cultural, como um apelo a mitos fundantes. Não se espera encontrar no sertão um homem que fuja a tais normas, pois pelas imagens recorrentes ele vem sendo reproduzido em sua materialidade, associado à figura do cangaço, do coronel, do jagunço, do matador, figuras firmes e de masculinidades específicas. Ceballos (2000: p.4).

O nordestino, então, emerge historicamente como um conceito capaz de enfrentar e lidar com novos modelos de masculinidade. Um conceito bastante original, criador de um estereótipo exorbitantemente masculino, conhecido no Brasil inteiro pela imagem do sertanejo ignorante, forte, bravo... um “cabra-macho”. Desta forma, o habitante da região Nordeste ganhava uma

---

<sup>12</sup> ANDRADE, Vivian Galdino de. *Corpo em cena: tecendo ‘masculinidades’ nas imagens em movimento*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/080/80andrade.htm> > Acesso em 30/09/2008. Revista Espaço Acadêmico nº 80, Ano VII, Janeiro/2008.

identidade e passava também a identificar-se com a própria região. (ANDRADE, 2008, Revista Espaço Acadêmico nº 80 , Ano VII, Janeiro/2008).

O Pr. Jabes Guedes de Alencar, dissidente da Assembléia de Deus – Min Belém e atual presidente do Min. Bom Retiro, líder conhecido no meio pentecostal, entrevistado em 30.3.93 por Mariano (2005) alega que:

O grande problema foram os nortistas. Ou seja, foram os nossos irmãos lá do Norte do país que implantaram um pouco mais essa idéia. E isso ficou. Meu próprio pai é de lá, meus parentes, meu avô era pastor também. Porque o nortista tem aquele jeito sistemático, machista e tal. Você pode ver que os costumes, se você puder relacionar 100 costumes, 95 são para mulheres e cinco para homens (...) (MARIANO, 2005, p. 206).

Campos Jr. (1995, p. 85) explicita que as “interpretações de passagens bíblicas favorecem a hegemonia masculina sobre o sexo feminino, seja no interior ou na direção das igrejas pentecostais. As cartas paulinas, de forma especial as destinadas aos coríntios, dão a base para uma suposta superioridade do homem”.

### **3.2 O sistema de governo eclesiástico adotado**

Outro fator responsável pela manutenção dos costumes é o sistema de governo eclesiástico adotado. O poder fica concentrado nas mãos de um presidente — o presidente da CGADB ou do presidente do ministério. O problema se agrava porque não há mecanismos eficientes que impeçam a investidura no cargo por reiteradas e consecutivas vezes. Quando o poder permanece por longos anos nas mãos de uma mesma pessoa, mudar para que?

Na Assembléia de Deus, a estrutura denominacional é dependente do poder central. Os pastores setoriais e também das congregações ligadas a cada setor não tem poder para mudar ou aceitar a “quebra dos usos e costumes” instituídos.

Alencar (2005) fala acerca desse tipo de governo de igreja e compara:

Igrejas como a Católica e AD, em seu “episcopalismo vitalício”, dentre outras, nem tentam disfarçar. A “revelação” é dada exclusivamente ao “dono” da Igreja e vamos em frente. A Inquisição existe, inclusive, para lembrar isto. Nada é discutido, conversado, avaliado ou votado. O pacote está pronto. Única opção: obedecer. (ALENCAR, 2005, p. 61)

Freston (1996) nos relata uma fala do presidente da CGADB, extraída do jornal assembleiano Mensageiro da Paz, de fevereiro de 1991:

Não é costume dos crentes na Assembléia de Deus o uso de pinturas, brincos, etc. Não somos retrógrados, desejamos [apenas nos conservar] irrepreensíveis... Não danifique a Assembléia de Deus, ame-a ou deixe-a. Pr. José Wellington Bezerra da Costa, presidente da Convenção Geral da AD. (FRESTON, 1996, p. 76).

Essa frase mal interpretada, pode dar a entender que há certo menosprezo pelas igrejas co-irmãs que não adotam os mesmos costumes.

Almeida (2007), em sua dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, comenta essa fala do presidente da CGADB:

O comentário do Pastor José Wellington Bezerra da Costa, Presidente da CGADB, em seu artigo no Mensageiro da Paz, de fevereiro de 1991, também deve ser apenas considerado como “figura de retórica”, pois em sua igreja as mulheres sempre estão bem “produzidas”, inclusive seus familiares. “A atenção que deve ser dada ao seu comentário, é a abrangência no alcance das publicações da CPAD e sua figura de presidente e a de todos os pastores das Assembléias de Deus no Brasil” (ALMEIDA, 2007, p. 71, 72).

O supra citado comentário feito pelo presidente da CGADB, bem catalogado por Freston (1996), gera hipocrisia pois o que vale para os outros não vale para os mais presentes. Esse comentário traz à lembrança um conhecido provérbio de autoria desconhecida: “Aos amigos tudo! Aos inimigos, a lei”.

Oliveira Pinto (2004, p. 53-54) escreve que a “principal característica que Jesus condenava nos fariseus era a hipocrisia” e recomenda a leitura de Mt. 6.1-18; 23.1-7. “Assim como faziam os fariseus na época de Jesus, tenho visto crentes tão puros e tão santos que não se misturam com não crentes. Esse tipo de crente justifica seu comportamento orgulhoso dizendo que *não se assenta na roda dos escarnecedores.*”

Freston (1996) comenta que o sistema de governo adotado pelas Assembléias de Deus “pode ser caracterizado como oligárquico e caudilhesco.

Surgiu para facilitar o controle pelos missionários e depois foi reforçado pelo coronelismo nordestino”. Comenta ainda, com pleno conhecimento do assunto:

O pastor-presidente é, efetivamente, um bispo, com talvez mais de cem igrejas e uma enorme concentração de poder.

...

Embora aconselhado pelo ministério, o pastor-presidente permanece a fonte última de autoridade em tudo... assim como o patrão da sociedade tradicional que, mesmo cercado de conselheiros, maneja sozinho o poder. (FREESTON, 1996, p. 86).

Na grande maioria das igrejas evangélicas, os pastores deixam suas antigas profissões para trabalhar em período integral, fato que gera uma série de conseqüências. A conseqüência mais imediata é que eles acabam se tornando “dependentes do emprego”, presos, à mercê da igreja local mantenedora ou do poder central, dependendo do sistema adotado pela denominação.

Outra conseqüência é que ficam constrangidos a concordar com as proposições da maioria dominante, ainda que particularmente contrários a ela. Esse problema gera conflitos diversos, ainda que não trazidos à tona.

Mendonça (1990) comenta um desses conflitos citando as Assembléias de Deus.

... nas Assembléias de Deus começam a se verificar conflitos entre conservadores e alguns segmentos tendentes a modificar costumes tradicionais pentecostais e, em particular, das Assembléias, com referência às vestes, principalmente das mulheres, ao uso da televisão, rádio, cinema etc. A ascensão social e o acesso à instrução acabam atingindo seriamente os pentecostais. Deve haver por isso muita desistência. (MENDONÇA, 1990, p. 51)

### **3.3 O poder da legitimação**

Os costumes como já comentado, atingem fortemente as mulheres que têm sofrido maior opressão que os homens e tido poucas oportunidades. Acabaram aceitando esses costumes como verdadeiro ensino do Evangelho, como dogma de fé. O ensino ficou tão arraigado na mente dessas mulheres que a prática das condutas contidas nos itens 2.2 a 2.4 desta pesquisa, foi “assimilada como pecado”. Uma das contribuições deste trabalho é evitar que esse fato venha a gerar maiores

desvios e distorções no corpo de Cristo, criando a falsa concepção de que só os que adotam esses costumes estão livres desses “pecados”.

O verdadeiro ensino bíblico revela que no corpo de Cristo não há *“nem grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos”*, independentemente de denominação, costumes de santificação entre outros.

Alguns costumes se tornam tabus e podem gerar culpa, quando desobedecidos. Tournier (1985), fazendo uma análise do sentimento de culpa, fala acerca da libertação dos tabus.

A culpa do fazer se ligam os tabus e toda uma atitude moralista, cujos efeitos patogênicos são denunciados pela psicologia moderna. O tabu é uma proibição mágica: “Isto é impuro, não toque; isto é proibido, não faça”. Tabus são proibições carregadas de angústia ameaçadora. O moralismo procede disso, é a criação de um código rigoroso de proibições, de um código moral. Já mencionamos o comentário de um jovem, que o Dr. Bovet nos relatou: “Religião é o que não se deve fazer!” (TOURNIER, 1985, p. 136)

Esse “cumprimento do dever” aos costumes legitimados pode gerar no crente um tipo de autojustificação. O fiel crê que obedecendo a essas imposições estará sendo fiel a Deus e por isso até merecedor de graça — a graça-barata! Graça é a dádiva gratuita de Deus que gera um novo caráter, uma nova criação. Não é obtida por meio de obras humanas ou cumprimento de regras. A nova criação jamais poderia ser vinculada ao legalismo.

Berger (1985, p. 45) diz que “a religião foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação. Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida. A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas”.

## CONCLUSÃO

Repetindo Berger, “a religião ajuda a manter e a legitimar o mundo dos que crêem por meio das vivências e das experiências delas com o sagrado”.

Weber afirma que “um dos papéis da religião é oferecer sentido e significado para o indivíduo ou para a coletividade que crê ou que teve uma experiência religiosa”.

A estrutura denominacional da Assembléia de Deus no Brasil, por orientação da CGADB, sua convenção geral, persiste na manutenção dos costumes, ao que denominam de “identidade das Assembléias de Deus”. O presente trabalho pretende mostrar um novo ângulo — o da libertação dos costumes — apresentando fundamentos discordantes dos apresentados pela CGADB, trazendo opiniões de renomados teólogos e sociólogos da religião, figuras proeminentes nos meios acadêmicos. É imprescindível lembrar que a igreja é principal; a convenção acessória. A igreja subsiste por si só; a convenção depende da igreja. Jamais o acessório pode querer se sobrepor ao principal.

A liderança totalitária, se opõe ferrenhamente à mudanças desse tipo. René Padilla, em entrevista à revista Cristianismo Hoje (Ed. 3, 03/2008, p. 59) comenta: “A liderança latino-americana ainda é muito dada ao caudilhismo. Onde há uma liderança piramidal, hierárquica, não há muito o que se esperar do futuro.”

Freston (1996) argumenta que:

Depois de algumas sangrias, causadas pela questão dos “costumes”, pode ser que a AD acabe aceitando as suas novas igrejas de classe média e média alta. A pressão de fazê-lo deve ser grande, pois elas representam dinheiro e apoio político, e seus pastores não podem ser coagidos porque tem futuro garantido com o respaldo de congregações prósperas. (FRESTON, 1996, p. 95)

Apenas para argumentar, vale a pena perguntar: Será que somente o apelo financeiro fará com que a CGADB se abra para os novos tempos? Não seria melhor haver uma mudança baseada no ensino da verdade bíblica?

Esta pesquisa tentou mostrar também como a legitimação opera na sociedade religiosa. Mostrou também que esses costumes são vistos pela instituição como “sinal de santidade”, “irrepreensibilidade”. Frise-se que o exterior jamais refletiu nem refletirá sinal de santidade.

Situação semelhante a essa de “costumes de santidade” vemos na maravilhosa narrativa de Mateus 23, onde Jesus faz uma crítica dirigida aos fariseus: *4 Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los; 13 Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entraís nem deixais entrar aos que estão entrando.* Nenhuma denominação deve incidir nesse mesmo erro.

Vê-se com profunda tristeza, que muitas pessoas no decorrer dos anos carregaram cicatrizes, mágoas não perdoadas e frustrações causadas pelos diversos efeitos maléficos do legalismo.

Jamais poderá ser esquecido que no corpo de Cristo não há *“nem grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos”*.

É preciso ensinar os fiéis a crescer na graça e no conhecimento.

As lideranças precisam estar cientes que nos tempos pós-modernos as alterações na sociedade foram muito significativas. Muitas questões são levantadas dia após dia. Nada é absoluto, nada é mais definitivo, tudo é relativo, excesso de individualismo, subjetividade... Num ambiente assim a radicalização não impera, pois cada dia mais, a palavra de ordem é flexibilização. Quem não for flexível, perde espaço, perde lugar. Não associar flexibilidade com pecado, de modo nenhum. Jesus ama o pecador, mas odeia o pecado praticado pelo ser humano.

Embora a Bíblia tenha valor absoluto a aplicação dos “saudáveis princípios” deve ser contextualizada.

Não basta apenas taxar de liberal, reacionário ou rebelde aquele que busca por mudanças, por flexibilização, principalmente quando fortes argumentos são apresentados, quando fundamentos sólidos são trazidos à tona.

Importante trazer aqui mais uma vez, por empréstimo, a conclusão de Almeida (2007):

Assim, que este trabalho sirva como reflexão aos mais interessados no desenvolvimento da igreja pentecostal, como lembrete de advertência às atitudes pessoais de homens que, não observando no conteúdo bíblico, suas decisões, transformaram assuntos mal interpretados sobre os usos e costumes de suas congregações em dogmas santificantes que em nada santificavam seus fiéis, apenas os distinguiu da comunidade protestante em geral. (ALMEIDA, 2007, p. 113)

A citação de Mulholland (2004, p. 223-224). continua a bradar em altas vozes: “Toda organização precisa mudar se quiser sobreviver”. Quando se muda se “amplia a visão da igreja”, se mostra flexibilidade, se “cria oportunidades para alternativos” entre outros.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Protestantismo Tupiniquim: hipótese da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira*. São Paulo : Arte Editorial, 2005.
- ALMEIDA, Joéde Braga de. *O sagrado e o profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembléias de Deus no Brasil*. Disponível em: [http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select\\_action=&o\\_autor=56327](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&o_autor=56327) > Acesso em 07/10/2008
- ANDRADE, Vivian Galdino de. *Corpo em cena: tecendo 'masculinidades' nas imagens em movimento*. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/080/80andrade.htm> > Acesso em 30/09/2008. Revista Espaço Acadêmico nº 80 , Ano VII, Janeiro/2008.
- ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1994.
- ARAÚJO, Isael de. *Dicionário Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro : CPAD, 2007.
- ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento*. Rio de Janeiro : CPAD, 2003.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1980.
- BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo : Paulus, 1985.
- BERKHOF, Louis. *Princípios de Interpretação Bíblica: para orientação no estudo das Escrituras e para uso em seminários e institutos bíblicos*. 2 ed. São Paulo : Cultura Cristã, 2004.
- BRUCE, F. F. *Paulo o apóstolo da graça*. São Paulo : Shedd Publicações, 2003.
- BURNS, Barbara; AZEVEDO, Décio de; CARMINATI, Paulo Barbero F. de. *Costumes e culturas: Uma introdução à Antropologia Missionária*. 3 ed. São Paulo : Vida Nova, 1995.
- CAMPOS, Leonildo S. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005.
- CAMPOS, Shirley de. *Gastronomia - Benefícios do Vinho*. Disponível em <http://www.drashirleydecampos.com.br/noticias.php?noticiaid=492&assunto=>

> Acesso em 03/10/2008.

CAMPOS JR., Luís de Castro. *Pentecostalismo: sentidos da palavra divina*. São Paulo : Editora Ática, 1995.

CGADB – Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. Disponível em: [http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com\\_content&task=view&id=39&Itemid=36](http://advi.com.br/cgadb/index.php?option=com_content&task=view&id=39&Itemid=36)

> Acesso em 16/05/2008.

CHAMPLIN, R. N. *O Antigo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. 2 ed. São Paulo : Hagnos, 2001, v. 1.

\_\_\_\_\_. *O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo*. São Paulo : Candeia, 1995, v. 4.

COLEMAN, William L. *Manual do tempos & costumes bíblicos: o contexto cultural, social, político e religioso das terras e dos povos da Bíblia, com base nas mais recentes descobertas arqueológicas*. Venda Nova : Editora Betania, 1991.

CORTES de cabelo masculinos. Disponível em:

<http://www.cortesepeiteados.com.br/fotos-de-cortes-masculinos-2.html?PageNo=1>

> Acesso em 07/10/2008.

DANIEL-ROPS, Henri. *A vida diária nos tempos de Jesus*. 3 ed. São Paulo : Vida Nova, 2008.

DAVIS, John D. *Dicionário da Bíblia*. 19 ed. Rio de Janeiro : Juerp, 1996.

DEVER, Mark. *A mensagem do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro : CPAD, 2008.

DUNN, James D. G.. *A Teologia do Apostolo Paulo*. São Paulo : Paulus, 2003.

ESCÓCIA – Scotland. Disponível em: <http://tugas.co.uk/escocia.html> > Acesso em 08/10/2008.

ETHOS. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ethos> > Acesso em 08/10/2008.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. 2 ed. São Paulo : Vida Nova, 1997.

FERNANDES, Rubem Cesar. *Novo Nascimento: os evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro : Mauad, 1998.

FRESTON, Paul. *Breve história do pentecostalismo brasileiro*. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org). *Nem anjos nem demônios: Interpretações sociológicas do pentecostalismo*. 2 ed. Petrópolis : Vozes, 1996

GEISLER, Norman; HOWE, Thomas. *Manual popular de dúvidas, enigmas e “contradições” da Bíblia*. 4 ed. São Paulo : Mundo Cristão, 1999.

- GOPPELT, Leonhard. *Teologia do Novo Testamento*. 3 ed. São Paulo : Teológica, 2002.
- GOWER, Ralph. *Usos e costumes dos tempos bíblicos*. Rio de Janeiro : CPAD, 2002.
- KAISER JR., Walter; SILVA, Moisés. *Introdução à Hermenêutica Bíblica: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época*. São Paulo : Cultura Cristã, 2002.
- LAKATOS Eva M.; MARCONI, Marina A. *Sociologia Geral*. 7 ed. São Paulo : Atlas, 1999.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. Artigo: *Religião e senso comum: um diálogo com Gramsci*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nures/revista1/luis.pdf> > Acesso em 07/10/2008. Revista Nures (publicação eletrônica PUC-SP) - Ed. Ano 1, Nº 1, Setembro-Dezembro 2005.
- McGRATH, Alister E.. *Teologia Sistemática, história e filosófica*. São Paulo : Shedd Publicações, 2005.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. *Introdução do Protestantismo no Brasil*. São Paulo : Loyola, 1990.
- MORRIS, Leon. *1 Coríntios: introdução e comentário*. São Paulo : Vida Nova, 1981.
- MULHOLLAND, Dewey M. *Teologia da Igreja: Uma igreja segundo os propósitos de Deus*. São Paulo : Shedd Publicações, 2004.
- NÓBREGA, Adriano Rodrigues. Artigo: *A centralidade da ética na Administração Pública*. Disponível em: <http://portal.ouvidoria.fazenda.gov.br/ouvidoria/ActionServlet?idInformacao=222&objeto=br.com.tellus.ouvidoria.negocio.InformacaoUtil&acao=recover> > Acesso em 08/10/2008.
- OLIVEIRA PINTO, Davi Augusto. *Respostas Evangélicas à Religiosidade Brasileira*. São Paulo : Vida Nova, 2004.
- PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. *Comentário Bíblico Moody*. São Paulo : IBR, 1984, v. 1.
- RYRIE, Charles Caldwell. *Teologia Básica*. São Paulo : Mundo Cristão, 2004.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo : Paulus, 2003.
- SELLIN, E.; FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo : Academia Cristã, 2007.

SILVA, José Maria da. *Proximidades Teológicas à Pós-Modernidade em Hans Küng e Andrés Torres Queiruga*. Disponível em:

[http://www.pucsp.br/rever/rv2\\_2006/t\\_silva.htm](http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/t_silva.htm) > Acesso em 07/10/2008.

TEIXEIRA, Faustino (org.). *Sociologia da Religião*. São Paulo : Vozes, 2007.

TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça* : uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho. São Paulo : ABU, 1985.

VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR., William. *Dicionário Vine*. Rio de Janeiro : CPAD, 2002.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. São Paulo : Imesp, 2004.

VIRKLER, Henry. *Hermenêutica avançada*: princípios e processos de interpretação bíblica. São Paulo : Vida, 1987.

ZUCK, Roy B. *A Interpretação Bíblica*. São Paulo : Vida Nova, 1994.